

O último olhar de nossa vida

“...Quando Emilia acordou o frio sobre seu corpo trançado junto à nudez de Zavalza era meia noite. Sonolenta e tremendo, Emilia lembrou em desordem todas estas coisas, enquanto puxava sobre seu corpo e o de Antonio a manta de plumas que sempre considerou um símbolo perfeito do cobertor(...) Acomodou-se contra suas costas e o escutou dizer entre sonhos, palavras dessas que penetram na noite com seu significado e ficam para sempre nos ouvidos de quem as escuta. Isso, pensou, devia ser o que seus pais chamaram sempre de felicidade”.

Ángeles Mastreta, *Mal de amores*,
México, 1996

“O último olhar de uma pessoa é o único olhar que se assemelha a uma fotografia”, afirma Claude Lemagny. Esta observação pode ser um ponto de partida para pensar fotográfica e até cinematograficamente, pois, como sabemos, a cinematografia pode ser entendida como fotografia em movimento.

Alucinadamente, este ponto de partida parece ser a óptica que John Dahl mobiliza no filme *Inesquecível*, 1996, 116 min. A história trata de um médico (Ray Liotta), que é acusado de matar a sua esposa. Esta acusação lhe impede ter a custódia de seus filhos. O médico vai lutar para demonstrar sua inocência. Ele descobre que existe uma fórmula de transferência de memória, ainda não testada em humanos. Basta com injetar-se a composição da

fórmula misturada com o líquido cerebral da pessoa da qual se deseja sentir a sua memória. O médico transfere-se a memória de sua esposa. Ele pretende ver através do *último olhar* de sua mulher e de outras testemunhas envolvidas com o crime o verdadeiro assassino. As testemunhas oculares, porém massacradas acidentalmente, por estar no lugar errado e à hora errada, também podem ser verdadeiras fontes de informação.

Uma vez que o médico se injeta a memória, lembra as visões das testemunhas configurando seu *último olhar*. O *último olhar* é a fotografia que lhe indica um rastro ou uma marca para conseguir seu objetivo que é encontrar o assassino. A função “indicial” - neste caso no *último olhar*, é um aspecto da fotografia; esta função lhe confere à fotografia um tipo de paradigma independente do papel de “representação” clássico na pintura pre-fotográfica. Estes índices cobrarão vida na mente do médico a maneira de *flash backs*. A fotografia como *flash back* ou, o cinema como *flash backs* contínuos. Assim, o diretor nos apresenta outros percursos indicados ou desafiados a partir da memória viva encarnada na mente de nosso protagonista, uma memória do outro, mas que agora lhe pertence na medida em que repentinamente faz parte de seu universo psíquico. A esquizofrenia se faz inevitável no labirinto multifacetado de mais de uma memória.

No filme, obviamente, cada *último olhar*, está carregado de determinados *afetos*, diferentes uns de

Rosa María Blanca*



outros, como diferentes são umas pessoas das outras. O que me parece importante enfatizar é como o fato de olhar pode ser também o fato de sentir, o como no momento de sentir estamos olhando. O potencial de cada *afeto* corresponde ao potencial de cada *último olhar*, ou seja, o potencial de cada imagem fotográfica. O médico percebe o que os outros sentem percebendo. Incluso sente no *último olhar* de sua esposa a visão da morte.

O *último olhar* como fotografia de nossa memória é único em cada pessoa. Porém, o diretor recria no *último olhar* de cada pessoa antes de sua morte, recordações próprias da *vida íntima* e pessoal.

Nada mais ontológico que o olhar de uma seqüência fotográfica filmada a partir do espaço real porque, é neste que somos e coexistimos. O cinema também constitui nosso espaço ocular, o imaginário

de nossa existência. A fé nas imagens, de Wim Wenders em *O Céu em Lisboa*, 1995, não é mais que a fé na memória, porque dando crédito às imagens artísticas que projetamos damos outra chance ao espaço onde existimos. Nada a ver com a metafísica. Não podemos criar o que nunca existiu. Nada mais relativo que a própria teoria da relatividade frente a certeza de nossa existência. O cinema, como a fotografia, é uma arte visual. Ambas artes trabalham com uma memória que se articula no espaço ambiental, nunca simulado.

Nada em contra do espaço virtual, simplesmente penso que, a medida que privilegiamos o espaço digital esquecemos nosso espaço ambiental, orgânico, vital. Nossa memória não pode depender totalmente do espaço digital simulado no cinema digital. A maneira como percebemos o espaço geográfico ambiental, influencia a maneira de projetar

nosso espaço artístico. Se nossa memória é recriada a partir de nosso olhar no espaço digital, as nossas paisagens serão alheias do espaço natural ambiental. Acreditar no cinema digital ou no espaço da *web* como o único espaço real atual, é olhar em termos de metafísica, quando renunciamos a *olhar* ou *sentir* o espaço onde somos e estamos, isto é, onde comemos, caminhamos e fazemos exercício físico e respiramos ar puro. Os afetos como o do amor nunca poderão ser simulados. Um olhar apaixonado só é possível de ser expressado no corpo humano.

O olhar se articula através da memória e, a memória se articula através do olhar - sentindo. Por isso a importância do cinema, da fotografia ou das

artes visuais, quando elas cobram vida no espaço em que são geradas e percebidas. Não por acaso, Octávio Paz, poeta mexicano, dizia que cada pessoa morria como vivia. Por isso também a importância da memória. A memória se cria e se recria no espaço em que vivemos. A memória como território de nossos afetos é intrínseca ao espaço em que percebemos e existimos. Uma morte feliz só é possível em um espaço territorial e afetivamente feliz. Da criação e recriação de uma memória feliz depende o *último olhar de nossa vida*.



*Artista visual, Mestre em Artes Visuais - UFRGS.